Clínica do passe II

Passe ao desejo do analista

Sônia Campos Magalhães

Passe

Ao acrescentar ao primeiro dispositivo psicanalítico – o de Freud, que é a análise – o seu dispositivo, Lacan dizia esperar que com o passe – por ele proposto como um convite a elucidar a emergência de um desejo inédito, o desejo do analista – algo novo pudesse ser trazido à teoria psicanalítica e isto porque, com o passe, a questão "*O que é um analista*?" é levantada e trazida para o campo de estudos e pesquisas em psicanálise

Sabemos quanto Lacan divergia da posição vigente no meio psicanalítico de seu tempo a respeito da análise didática. Em 21 de junho de 1964, no ato de fundação da Escola Francesa de Psicanálise, aliás Escola Freudiana de Paris (pois foi assim que ela foi registrada), Lacan vai se situar em relação a esta questão dizendo:

"Uma psicanálise se constitui como didática pelo querer do sujeito e este deve ser advertido de que a análise questionará este querer na medida em que se aproxime do desejo que guarda em segredo".

É com esta frase de Lacan que me proponho introduzir algumas considerações relativas à minha experiência na Secretaria da Entrada pelo Passe na EBP, durante dois anos, no período inicial da implantação desse dispositivo na Escola Brasileira de Psicanálise.

Entrada pelo passe

No documento "O Procedimento da Entrada pelo Passe na EBP" podemos encontrar no item 1, que diz respeito à Solicitação, o seguinte: Um pedido é dirigido à Secretaria da Entrada pelo passe que, após duas entrevistas, decide sobre a realização do passe. Desse mesmo documento, em A Secretaria da Entrada pelo Passe, tomo os seguintes itens:

- A entrada pelo passe na EBP é oferecida a todos que se interessarem pelo procedimento.
- O candidato deverá solicitar sua entrada pelo passe na EBP por escrito, com nome completo e endereço para correspondência.
- Após o registro do pedido, a Secretaria designará dois entrevistadores e comunicará seus nomes por escrito ao candidato, que terá cento e vinte dias para que as entrevistas sejam realizadas.
- A segunda entrevista será sempre com um dos coordenadores da Secretaria, o qual informará ao candidato a possibilidade da continuidade do procedimento.

Podemos ver, aí, que é função da Secretaria de Entrada pelo Passe na EPB decidir se aquele que dirige o seu pedido à Escola deve, ou não, dar continuidade ao procedimento que na Secretaria é iniciado.

Creio que podemos encontrar nesse documento – "O procedimento da Entrada pelo Passe na EBP" – elementos que evidenciam a importância da Secretaria de Entrada pelo Passe no dispositivo. Se nos remetermos à frase de Lacan que trouxemos no início deste trabalho, podemos perceber que é atribuição do Secretário de Entrada pelo Passe na EBP questionar, em apenas uma, ou no máximo duas entrevistas, isto que Lacan propôs em 21 de junho de 1964, no seu documento da Ata de Fundação, antes referido.

Desde a implantação do dispositivo de Entrada pelo Passe na EBP indaguei-me a respeito dos fundamentos norteadores da decisão de seus entrevistadores quanto ao prosseguimento, ou não, do dispositivo. Ao estar aí, no exercício desta função, eu apostava no que Lacan esperara quando da sua Proposição do Passe à Escola: eu esperava que algo novo pudesse ser trazido à Psicanálise.

Candidatura e análise didática

Na Nota anexa à Ata de Fundação, acima citada, Lacan vai afirmar que "uma coisa é a candidatura a uma Escola, outra coisa a qualificação de uma psicanálise didática".

Este é um ponto importante em relação ao que queremos trazer aqui, porque, na minha experiência na Secretaria da entrada pelo passe, pude constatar que as solicitações, tanto escritas quanto ditas dos candidatos a passantes, traziam elementos nos quais se evidenciava a necessidade de se buscar um rigor conceitual para trabalhar as questões que surgiam. Uma delas – a questão da demanda no dispositivo do passe.

Ao longo das entrevistas realizadas, constatei que a demanda que mais se apresentava era a que aparecia como desejo de pertencer à Escola, o que me levou a perguntar: Podemos considerar como um conceito o "*Desejo de pertencer à Escola*", resumido no sintagma *Desejo de Escola?* De que demanda se trata quando se demanda pertencer à Escola? Não poderíamos dizer que, como toda demanda, é demanda de outra coisa e se regula pelo princípio *Demando que me recuses o que te demando porque não é isto?*

Ao afirmar que "uma coisa é a candidatura à Escola e outra coisa é a qualificação da análise didática", Lacan nos convida a distinguir uma coisa da outra. Ele considerava ser difícil distinguir princípios ou critérios de seleção que permitissem qualificar uma psicanálise como didática. O único princípio, para ele, admissível, é o que é trazido no início deste texto, aquele que diz que "a psicanálise se constitui como didática pelo querer do sujeito" e que "a análise questionará este querer na medida em se aproxime do desejo que guarda em segredo".

Para Lacan, a candidatura à Escola exigia uma seleção fundamentada no objetivo de trabalho do candidato. Seria preciso saber por que alguém se candidata a uma Escola, o que se tem a oferecer a uma Escola de Psicanálise. Para exercer a função relativa à candidatura à Escola, bastaria uma Comissão, nada mais.

No entanto, é de outra ordem a qualificação de uma análise didática. Para Lacan, a Escola não pode declinar das conseqüências que tem para ela o fato de que

o sujeito entre em análise. A qualificação de uma análise didática impõe a condição de que se saiba se o analisante está engajado no empreendimento, onde e quando está.

Quem empreende uma análise didática o faz por iniciativa e escolha próprias e isto pode levar a autorizar seu psicanalista como didata. Isto quer dizer que não há didata de antemão. O que há é conseqüência da análise didática, ou seja, um analisante que, por iniciativa própria, empreendeu uma análise didática, acaba por autorizar seu analista como didata.

Nesse seu documento da Ata de Fundação da EFP, Lacan não tinha concebido, ainda, o passe. Nesse momento, 1964, ele fazia distinção entre o analista e o membro da Escola. A Escola tem membros que podem ser analistas e não-analistas. Pode-se ser candidato à Escola como não-analista, como praticante não qualificado analista e como analista.

Lendo o documento de 64 à luz do de 67 - *a Proposição*, podemos dizer que para Lacan continua valendo a distinção entre membro analista qualificado (a partir das condições para ser psicanalista: análise e passe) e membro não qualificado como psicanalista (que vale para o não-analista e, também, para o praticante não qualificado psicanalista).

O dispositivo do passe vem possibilitar verificar se aquele que solicita o passe será membro da Escola ou analista da Escola.

Para o candidato à Escola como não-analista não é preciso o dispositivo do passe.

Passe ao desejo do analista

A respeito do passe muito se tem discutido. Com este seu dispositivo, Lacan coloca em destaque a questão da transmissão da experiência psicanalítica, o que se denomina de "formação" do psicanalista.

A Escola de Lacan, a Escola do Passe, supõe um certo estilo de transmissão da psicanálise. Os Fóruns do Campo Lacaniano, constituídos como espaço de reflexão sobre os fundamentos de uma Escola de Psicanálise, têm-se ocupado em reavaliar os fundamentos e os funcionamentos dos dispositivos do passe já postos em ação e os disfuncionamentos que se manifestaram.

Em um texto colocado na *Liste Espace – École,* Antonio Quinet, numa contribuição ao debate, faz uma pergunta: "Não se poderia propor o título de analista em formação para aqueles que não terminaram ainda a sua análise mas que, ainda assim, se candidatam à Escola?".

A respeito da pergunta de Quinet, Colette Soler faz uma observação interessante: ela afirma que o passe não foi proposto para verificar o fim da análise, pura e simplesmente. Ela observa que Lacan em *L'Étourdit* nos diz que o passe foi proposto para verificar a virada de psicanalisante a psicanalista e que isto pode ocorrer antes do fim da análise, ou depois. Isto quer dizer que o passe entendido como uma virada, é um momento clínico, uma elaboração do sintoma que pode ser verificada no dispositivo do passe.

A vantagem dessa observação de Soler é que ela permite distinguir a Clínica do passe da função institucional do passe, também chamada política do passe. Permite subordinar a função política do passe à Clinica do passe.

O momento de virada de analisante a analista vem justificar o passe ao Desejo do analista. Podemos perguntar: Pode a Entrada pelo passe ser justificada com o passe ao Desejo do analista? Para Soler, conforme esta referência de Lacan em *L'Étourdit*, se o passe verifica a virada pode, também, verificar o antes da virada; com o passe ao Desejo do analista pode-se verificar aquele que não fez a virada mas que coloca indícios de uma virada que ainda não se efetivou.

Vendo sob este prisma pode-se dizer que a Entrada pelo Passe não faz do dispositivo de Lacan um dispositivo duplo; o passe deverá avaliar se há indícios clínicos de que o passante fez essa virada, se há indícios clínicos de que o passante está a ponto de fazer essa virada e se o passante está aquém dessa virada.

Como se pode ver, o dispositivo do passe, assim concebido, é distinto do final de análise. O que se verifica é a necessidade de um debate detalhado dessa experiência para que ela seja melhor concebida e passada à prática.

Clínica do passe

Volto à minha experiência na Secretaria do Passe, volto à questão de que aí se deve, em uma, no máximo em duas entrevistas, questionar o querer do sujeito. Desde aí será preciso verificar se já existe algum indício de que o Desejo do analista se operou ou está em vias de acontecer. É difícil esse exame mas podemos dizer que o material da experiência já nos permitiria falar de uma Clínica do passe.

Dos candidatos a passantes trago alguns fragmentos colhidos neste primeiro momento do dispositivo:

Fragmentos de entrevistas:

- *"Desejo me aproximar da Instituição, ter espaços na Instituição";*
- *"Quero estar na Escola, sei quanto é importante a teoria...";*
- *"...decidindo-me a demandar o Passe, experimentei algo como o começo de um momento novo. Percebi que deveria enfrentar o que não era dado saber de antemão mas a experiência me faria saber o que era".*

Fragmento de uma demanda escrita:

- *"Privilegio a via do passe para a minha inserção como membro da EBP".*

Ainda uma demanda escrita:

- *"Demando, como analisante, dar testemunho de meu trabalho analítico em curso".*

Desejo de reconhecimento e reconhecimento do desejo

Há uma dialética em jogo quando surge, nas entrevistas dos candidatos a passante, o desejo de reconhecimento. Creio que podemos dizer que o candidato a passante tem o direito de trazer o desejo de ser reconhecido por seus pares, no entanto, cabe ao Dispositivo, a começar pela Secretaria do Passe, o reconhecimento do desejo. A partir da hipótese de Lacan de que "uma psicanálise se constitui como didática pelo querer do sujeito e que este deve ser advertido de que a análise questionará este querer na medida em que se aproxime do desejo que guarda em segredo", podemos dizer que para decidir a entrada do passante no dispositivo propriamente dito, esse querer deve ser questionado de modo a favorecer a verificação do aparecimento do desejo do analista.

É evidente que na secretaria do passe só se pode vislumbrar algo disto, algo que permita a autorização da entrada do passante no dispositivo do passe. Isto exige uma Clínica do passe. Não se trata de um traço objetivo, poderíamos dizer, de um traço grosso que o secretário possa destacar. Do que se trata é de um traço fino porém tangível que vai fazer da Clínica do passe uma clínica do particular. Cabe ao secretário distinguir algo desta ordem, que o leve a decidir sobre a continuidade do dispositivo. Dizer clínica para nós significa dizer que a clínica é uma arte. A clínica é uma arte do diagnóstico. Dizer que há aí uma clínica do passe é atribuir ao secretário do passe esta função de diagnóstico, isto é, que ele responda ao desejo de reconhecimento através do reconhecimento do desejo de passe.

Edgard Morin, em entrevista recente no Brasil à Revista MEDICINA - Conselho Federal (junho de 99), nos lembra que Hipócrates e os gregos empregavam a palavra *crisis* para significar o momento em que os sintomas estão claros para se fazer o diagnóstico, mas, antes que os sintomas estejam claros, há um momento de inexatidão como, por exemplo, quando temos febre mas não sabemos ainda o que temos: se temos rubéola, varicela ou só uma gripe. Diz-se que o bom clínico é aquele que tem a arte de saber analisar os pequenos signos que lhe permitirão emitir um diagnóstico precoce. Aí entra em jogo a intuição. Edgard Morin considera um erro esquecer a intuição. O secretário do passe está na função do clínico com esta arte. Embora ele só tenha os primeiros signos do desejo de ser reconhecido analista, compete-lhe decidir se o passante entra, ou não, no dispositivo.